

10º FÓRUM DE EXTENSÃO E CULTURA DA UEM

APROPRIAÇÃO DO CÓDIGO ESCRITO E DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar¹

Bruna Lorena Bacaro²

Márcia Justina de Souza³

Bruna Gonçalves de Souza⁴

Esse estudo teve por objetivo analisar o processo de apropriação do código escrito de pessoas com deficiência intelectual. Trata-se de um estudo teórico e de campo fundamentado em autores tais como Carvalho, Arnoni, Soares, Tfouni, e contou com a participação de cinco jovens/adultos com deficiência intelectual, com faixa etária variando entre vinte e cinco e cinquenta anos de idade, que freqüentam o ateliê de alfabetização, nas dependências da Universidade Estadual de Maringá/PR. A partir da Metodologia da Mediação Dialética os educandos conseguiram superar o saber imediato que possuíam, por meio de interações e mediações do professor com o conhecimento científico. A intervenção junto aos educandos com deficiência intelectual possibilitou e vem possibilitando não só a aquisição do código escrito, de forma lenta e gradual como também o letramento.

Palavras – chave: Alfabetização. Letramento. Deficiência Intelectual.

Área temática: Educação

Coordenador(a) do projeto: Gizeli Aparecida Ribeiro de Alencar, alencargizeli@hotmail.com, Departamento de Teoria e Prática da Educação, Universidade Estadual de Maringá

Introdução

A alfabetização é um processo que resulta na aquisição da escrita e da leitura na formação do indivíduo, o qual está inserido em uma sociedade grafocêntrica⁵. Um dos grandes problemas da educação é o elevado índice de analfabetismo. Tfouni (1995) afirma que, chegamos ao século XXI com os mesmos problemas ou, com mais dificuldades em superar os mesmos problemas que atormentam a nossa sociedade, ou seja, o analfabetismo. Isto tudo, acrescenta, esta aliado a um conjunto de fatores e condições inadequadas que estamos longe de erradicar. Essas dificuldades afetam tanto as pessoas “normais” pela sociedade, quanto os que apresentam necessidades educacionais especiais, incluindo as pessoas com deficiências sejam elas permanentes ou temporárias.

Mediante o exposto, o objetivo dessa pesquisa foi analisar o processo de apropriação do código escrito por jovens e adultos com deficiência intelectual com

¹ Professora coordenadora do Projeto. Departamento de Teoria e Prática da Educação/DTP/UEM. alencargizeli@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá

³ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá

⁴ Acadêmica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Maringá

⁵ Sociedade grafocêntrica é a sociedade centrada na grafia. (SOARES, 2005)

faixa etária variando entre vinte e cinco e cinquenta anos de idade, que freqüentam o ateliê de alfabetização, nas dependências da Universidade Estadual de Maringá/PR. O aporte teórico utilizado foi fundamentado nos estudos de Carvalho (2005), Soares (2005), Tfouni (1995), Arnoni (2007), dentre outros. Fizeram parte do estudo cinco jovens/adultos com deficiência intelectual. A pesquisa teve duração de oito meses. Os encontros foram realizados uma vez por semana com duração de duas horas cada. Os dados foram coletados por meio de registro contínuos das respostas emitidas pelos alunos em situação de sala de aula e dos planos de aula. O estudo foi dividido em duas etapas: a primeira de observação e registro das aulas e a segunda com intervenção e registro das respostas emitidas pelos alunos sobre o código escrito.

Alfabetização e Letramento

Entende-se por escrita o resultado do desenvolvimento da capacidade humana, pois graças a essa habilidade conseguimos colocar no papel nossos pensamentos, letras, palavras e os sons.

[...] a escrita pode ser tomada como uma das causas principais do aparecimento das civilizações modernas e o desenvolvimento científico, tecnológico e psicossocial da sociedade nas quais foi adotada de maneira ampla. (TFOUNI, 1995, p.14)

Soares (2005) concebe a alfabetização como um conjunto de habilidades, pois o indivíduo além de aprender a leitura e a escrita, aprende também grafemas e fonemas, junção de sílabas, frases, palavras, logo, aprende a interpretar um texto, entende o significado de determinadas palavras, etc. São vários fatores, afirma a autora, que caracteriza o conceito de alfabetização. Neste processo, alfabetização e letramento, afirma, são interrelacionadas, pois uma depende da outra para ter continuidade. A alfabetização é aquela que dá o início, ou seja, o indivíduo aprende a decodificar a letra, o som, aprende a palavra, o formato da letra. Já o letramento continua para o resto da vida, é a prática social, ou seja, o processo de interpretação e compreensão do texto, a qualidade de leitura e escrita, a forma de escrever, a opinião a respeito do tema, dentre outros aspectos.

Esse mesmo pensamento é partilhado por Sozím (2010) que concebe “a alfabetização e o letramento como práticas indissociáveis, resultantes das relações humanas, sendo duas práticas fundamentais que perpassam o período escolar, estando presentes em toda a vida do indivíduo”. (p. 45)

Dentre os inúmeros excluídos que se encontram em situação de desvantagens em relação à leitura e escrita encontramos as pessoas com deficiência. Em tempos de inclusão chama-nos a atenção e preocupação em relação a pessoa com deficiência intelectual. O deficiente intelectual é concebido pela sociedade como incapaz de se apropriar de conhecimentos sistematizados. Por conseguinte, essa visão equivocada, reforça o senso comum de que o deficiente intelectual não é capaz de desenvolver e organizar o pensamento. Na intenção de intervir na educação voltada aos educando com necessidades especiais, buscou-se uma proposta de ensino condizente com a valorização do ser pensante, tanto dos educando com deficiência intelectual, quanto dos considerados normais pela sociedade.

A intervenção

Nos limites desse texto, será descrito a seguir alguns fragmentos dos dados coletados para ilustrar o início da aquisição do código escrito.

Tema da aula: Futebol
RESGATANDO/REGISTRANDO

Professora	Aluno
Profª: "O que vocês entendem por futebol?"	Aluno Ce: "Futebol é um campo grande, tem os reservas, lugar de fazer gol, lugar de cobrar escanteios, muita gente, tem bastidor. É esporte. Têm juizes, goleiros, bandeirinhas". Aluno L: "Tem narrador de futebol. No Willie Davis tem jogo do galo de Maringá".
Profª: "Ok, já que vocês gostam tanto de futebol, então me respondam: o que tem no futebol?"	Aluno Ce: "Juíz, goleiro, 11 jogadores pra cada time". Aluno T: "tem muita gente assistindo, tem juiz, tem jogadores, os torcedores fazem muito barulho, música, as vezes tem briga". Aluno Ca: "tem jogadores, juiz, bandeirinhas, o quarto juiz, atacantes, zagueiros, goleiro, meio-campo". Aluno A: "tem jogadores, juiz e também tem briga nas torcidas, eles cantam músicas".
Profª: "No futebol só tem coisas boas?"	Aluno Ce: "Não, muita gente, muito barulho." Aluno Ca: "Os ingressos são caros, eu nunca fui a um jogo." Aluna T: "Não e nem gosto de futebol, acho que em vez de dar dinheiro para jogo, deveria juntar e ajudar as pessoas que morrem de dengue."
Profª: "É mesmo!!! Eles mostram sempre na televisão os problemas com a dengue!"	Aluna T: "Eu vi no jornal que o governo da dinheiro pra jogo, e muitas pessoas morrem do mosquito da dengue." Aluno Ca: "Mosquito da dengue mata, meu vizinho teve dengue." Aluno A: "Mostra também que as pessoas morre, né profe? Lá tem muito mosquito. todo mundo ta ficando doente e morre."

Evidencia-se na etapa resgatando/registando o conhecimento prévio do aluno, ou seja, o conhecimento imediato que ele possuía sobre o conteúdo futebol algumas pequenas tentativas de reflexões frente aos investimentos financeiros. Assim, com base nesses conhecimentos foram realizadas algumas problematizações exemplificadas a seguir.

Professora	Aluno
Profª: "De fato a mídia está divulgando o caos que o sistema público de saúde se encontra. Mas, vocês sabem o que os governantes alegam para justificar as incidências de doenças e mortes devido a dengue"?	Aluno Ce: "Eles fala que não tem dinheiro. Minha mãe falou que não tem dinheiro!" Aluna T: "Ué, eles não tem dinheiro!"
Profª: "Realmente, essa é uma das justificativas, mas, como se explica a construção então do estádio para os jogos Pan americanos e Olimpíadas?"	Aluno Ca: "ih, eu não sei! foi dinheiro para construir aquilo lá, não foi!" Aluna T: "Só Deus explica!"
Profª: "Os investimentos na área de saúde, de educação, e do esporte são bem distintos. Vivemos numa sociedade na qual a maioria das pessoas não tem acesso a um bom atendimento médico, uma boa escola, não é	Aluna Li: "As pessoas ficam nervosas, choram quando o time perde. Eles choram por causa do mosquito lá no Rio de Janeiro mais é bom eles construíram um ginásio grande no Rio de Janeiro para o PAM. Muito caro e não

<i>verdade?</i>	fizeram hospital!”
Profª: “O que é mais importante para a vida do homem, o futebol ou o investimento na área de saúde?”	Aluno Ce: “ <i>Tem dinheiro para os estádio mas não tem para os remédios!</i> ” Aluno A: “ <i>Só vai no postinho de saúde né profe!</i> ” Aluno Ca: “ <i>Eu acho que é dinheiro pros médicos</i> ”. Aluna T: “ <i>a saúde é claro!</i> ”. Aluno Ca: “ <i>Mas eu quase num fico doente então eu prefiro o futebol!</i> ”
Profª: “Mas o futebol não é importante para a vida do homem?”	Aluno Ca: “ <i>Lógico que é, né professora. Eu vejo os jogos no domingo</i> ”. Aluno A: “ <i>Oh profe, pode ser, mas a gente precisa também ter médico e remédio para viver feliz e depois assistir futebol.</i> ”
Profª: Uma sociedade que é regida pelo capital realmente é muito injusta! <i>Os ricos têm muito e os pobres têm pouco. Mas uma coisa eles tem em comum. O brasileiro é apaixonado por futebol, não é mesmo!</i>	Aluno Ca: “ <i>Com certeza!</i> ”
Profª: “Voltando ao futebol, será que sempre foi como vocês descreveram? Com as mesmas regras? O futebol, por exemplo na época da Civilização Maia, era igual aos de hoje?” Profª: <i>Porque vocês acham que era igual?</i>	Aluno Ca: “ <i>O campo de futebol dos Maias era igual com os de agora.</i> ” Aluno Ce: “ <i>Sim!</i> ”. Aluna T: “ <i>Eu acho que devia ser diferente, mas não sei não..</i> ” Aluno Ce: “ <i>Ai fala logo que eu to ficando nervoso!</i> ” <i>Vai vê você também num sabe!</i> ” Aluno Ca: “ <i>Então conta prô pra nós!</i> ”

Os questionamentos feitos pela professora-pesquisadora provocou tensão entre o conhecimento imediato e mediato. Para além do tema futebol os alunos fizeram correlações com investimentos em outras áreas. Nas etapas seguintes foram contempladas discussões sobre o futebol a partir da civilização Maia correlacionando a concepção de jogo com a organização social e o futebol na sociedade atual.

Dentre as interações ocorridas durante a explanação do conhecimento científico destacamos:

Aluno Ca: “O campo de futebol dos Maias era igual com os de agora.” Aluna T: “Ai credo professora, eles cortavam cabeça?” Aluno Ce: “Que violência!” Aluna T: “É mais hoje também é violento, não é profi?” Aluna Ca: “Como eles jogavam bola só com duas pessoas?” Aluna Ce: “Nossa eles matavam as pessoas”. Aluno A: “Que nojo!” Aluno Ce: “Cortavam a cabeça para fazer outro bola na Civilização Maia”. Aluno L: “Muito antes de Jesus Cristo aconteceu isto”.	Aluna P: “ <i>Ficava no Texas nos Estados Unidos esse futebol da Civilização Maia</i> ”.
Profª: “Onde se localiza a antiga Civilização Maia?”	

Foi possível constatar que após a introdução do conhecimento científico e as discussões sobre o conteúdo, os alunos demonstraram apropriação do conhecimento mediato, compreendendo a importância do futebol naquela época e como a violência se equiparada aos dias atuais.

Em relação ao código escrito foram elaboradas atividades de acordo com o tema estudado. A ênfase no ensino da escrita se deu a partir do reconhecimento da grafia e som das “vogais” e da consoante “L”, conforme quadro a seguir.

DITADO	Aluno T	Aluno A	Aluno Ca	Aluno Ce	Aluno E
Time	IE	IME	TIME	TIME	IE
Bola	OLA	BOLA	BOLA	BOLA	OA

Chute	UE	UE	UTE	UTE	EU
Futebol	UEOU	UEOU	UEBOU	UEBOU	UEO
Maia	AIA	MAIA	MAIA	MAIA	AIA
Campo	AO	AO	APO	APO	AO
Civilização	IILIAU	SIVILISAA	IILIAAU	SIVILISASAO	CIILIZAAU
Gol	OU	OU	OU	OU	O
Cabeça	AEA	AEA	AEA	ABEA	AEA
Sociedade	OIEAE	OIEAE	OIEAE	OIEAE	OIEAE
Jogador	OAO	OAO	OAO	OAO	OAO

Os dados começaram a evidenciar uma linha ascendente em relação à aquisição do código escrito se comparados com os registros antes da intervenção uma vez que os mesmos registravam letras aleatórias sem correlação com seu som ou grafia.

Considerações Finais

A pesquisa desenvolvida junto a esses jovens e adultos deficientes intelectuais tem evidenciado que não se pode conceber a alfabetização apenas como um processo de aquisição do código escrito, visto que este vai além da leitura e escrita, e contempla conhecimento sobre grafemas, fonemas, junção de sílabas, palavras, frases, bem como a interpretação de um texto, para que possa fazer sentido.

Em uma sociedade grafocêntrica é difícil não permanecer alienado as situações e práticas sociais que envolviam leitura e escrita. Por isso, é fundamental na alfabetização a apropriação da aquisição da lecto-escrita e, por conseguinte o letramento, nas práticas sociais. Para alcançar esses resultados a Metodologia da Mediação Dialética possibilitou um trabalho em conjunto, professor e educando, no processo de ensino-aprendizagem, pois a mediação ocorreu de forma linear, estabelecendo um diálogo amplo com base na apropriação do conhecimento pelo aluno e a organização e coerência do trabalho docente.

A luz dessas considerações ficou evidente que o professor, ao planejar sua aula, deve levar em consideração o conhecimento do aluno, neste caso com deficiência intelectual, vislumbrando as potencialidades. Por fim, podemos afirmar que a intervenção junto aos educandos com deficiência intelectual possibilitou e vem possibilitando não só a aquisição do código escrito, de forma lenta e gradual, como também o letramento.

Referências

ARNONI, M. E. B. Metodologia da Mediação Dialética e a operacionalização do método dialético no trabalho em sala de aula. In: VII Seminário da Rede de Estudos sobre Trabalho Docente (RedEstado) "Novas Regulações na América Latina". 7 ed, 2008.

ARNONI, M. E. B., OLIVEIRA, E. M.; ALMEIDA, J. L. V. **Mediação Dialética na Educação Escolar**: teoria e prática. São Paulo: Edições Loyola. 2007a.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 9-48.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 3 ed, 2005.

SOZIM, M. **Alfabetização e letramento** – uma possibilidade de intervenção. Ponta Grossa: Revista Conexão, UEPG, 4 ed. Disponível em:

<<http://www.uepg.br/revistaconexao/revista/edicao04/index.htm>>. Acesso em:11 maio. 2010.

TFOUNI, L. **Letramento e alfabetização**. São Paulo: Cortez, v 47, 1995.